

TRÁGICA COMÉDIA DE ERROS

RACHEL MELO
Colaboradora

Como *Nascer os Anjos* promete ser um dos melhores momentos do Festival de Cinema. O filme de Murilo Salles, longa de hoje à noite na Mostra Competitiva do Festival de Cinema, chega a Brasília já premiado com sete Kikitos em Gramado este ano: melhor direção, fotografia, música e montagem, prêmio da crítica de melhor filme e prêmios especiais do júri de melhor atriz para a menina Priscila Assum e de melhor ator para Silvio Guindane, ambos de apenas 13 anos.

O filme fala de contrastes, de morro e asfalto, de pobreza e riqueza, do estrangeiro e o nacional. É uma trágica comédia de erros. Branquinha e Japa são crianças de uma favela carioca. Ela diz ser mulher de Maguila, um traficante. Japa é filho de trabalhadores e está a caminho da escola. Juntos, Branquinha, Maguila e o pequeno Japa vão se envolver num redemoinho de tensão e morte. São eles os agentes da violência e objetos do nonsense. São eles os que fazem de reféns uma pacata e assustada família americana num bairro nobre do Rio de Janeiro. Mas tudo acontece sem que eles queiram ou planejem. Por puro acaso.

Além da premiação em Gramado, *Como Nascer os Anjos* traz uma ficha técnica muito, muito respeitável. No roteiro Jorge Duran (*O Beijo da Mulher Aranha*) e Aguinaldo Silva (romancista de *Pedra sobre Pedra*), na fotografia César Charlone (*Feliz Ano Velho*), na montagem a francesa Isabelle Rathery (*A Grande Arte*) e tripla do guitarrista Victor Biglione. Todos sob a batuta do competente Murilo Salles, de *Nunca Fomos tão Felizes*, *Faca de Dois Gumes* e do documentário *Todos os Corações do Mundo*, sobre a Copa de Futebol de 1994. E com um orçamento relativamente baixo de R\$ 1,3 milhão. Sobre seu filme, o diretor Murilo Salles conversou com o **Caderno 2**:

“O Festival de Gramado é uma coisa provinciana. As pessoas estão mais preocupadas com o autógrafo da atriz da novela do que com os filmes”

Como Nascer os Anjos, de MURILO SALLES, É O FILME DE HOJE NA MOSTRA COMPETITIVA DE LONGAS DO FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO



Como Nascer os Anjos projeta uma trama que envolve crianças de uma favela em uma atmosfera de violência e nonsense

Como Nascer os Anjos chega a Brasília já tendo recebido sete prêmios em Gramado. Quais suas expectativas em relação ao Festival?

- Brasília sempre foi muito feliz. Sempre fui muito feliz em Brasília. Os melhores prêmios como diretor de fotografia eu ganhei em Brasília (*Salles foi premiado com Tabu, de Júlio Bressane, em 1982*). *Nunca Fomos tão Felizes* ganhou o melhor filme do júri oficial e do júri popular do Festival de 1984. Brasília é a capital do Brasil e um enorme caldeirão cultural.

Aí as pessoas são politizadas e polêmicas. Discute-se muito durante o festival que é frequentado por pessoas

jovens, ávidas por discutir e questionar a cultura brasileira. Quando vou ao Festival de Brasília, sinto que estou indo participar de uma festa.

O Festival de Gramado é uma coisa provinciana. Ali, as pessoas vão ao Festival para ver ator da Rede Globo. Isso não tem em Brasília. Entenda, Gramado é importante, apesar das péssimas direções que teve. Mas para os diretores, atores, para quem faz cinema é um pouco desrespeitoso. As pessoas estão mais preocupadas com o autógrafo da atriz da novela do que em ver o seu filme. Em Brasília, as pessoas querem ver o filme. Além do mais, o prêmio Candango é lindo e o Kikito é horroroso, é até uma questão estética. Brasília é o lugar do cinema brasileiro.

Seus filmes sempre tiveram um grande apuro técnico. Como foi conciliar temas como a violência e a miséria com a beleza estética?

- Não creio que sejam antagônicos. O apuro técnico vem do respeito que tenho com o cidadão que vai ao cinema

ver o filme, que paga o ingresso. Sempre farei o melhor filme que puder. É minha obrigação. A excelência da montagem, da música, da fotografia me servem para contar a história, para emocionar. A história do filme se passa na maior parte do tempo num espaço que não é miserável, na casa do americano. Na própria favela não há só miséria. O Japa, por exemplo, é filho de um policial e de uma empregada doméstica e mora numa casa muito digna.

Há uma preocupação com o realismo?

- Sim, tenho essa preocupação. Onde tem sido exibido, *Como Nascer os Anjos* assusta pelo excesso de realismo.

As pessoas acham que estão vendo um documentário.

Em entrevista recente o senhor disse que falta ousadia ao cinema brasileiro dos últimos anos e que os filmes estreiam tornando-se mais banais que as novelas. Onde estaria essa falta de ousadia, nas produções, na temática?

- Em tudo. Falta ousadia na linguagem, na temática, na fotografia, no som. É preciso lembrar que o cinema brasileiro só foi grande porque ousou. Foi grande no *Cinema Novo*, que ousou na linguagem, na gramática. Foi grande quando fazia filmes ousados na produção, como *Xica da Silva*, *Dona Flor* e tantos outros. A única saída é ousar.

A falta de ousadia seria um resultado da crise que o cinema brasileiro viveu nos últimos anos?

- Não, a falta de ousadia é anterior à crise. A crise dos anos Collor veio por causa da falta de ousadia. Poucos ousaram na década de 80. As exceções são *Nunca Fomos tão Felizes*, *Feliz Ano Velho*, *Marvada Carne*. Houve na década de 80 um esvaziamento cultural que acabou por esvaziar as salas. Aí surgiram na imprensa as denúncias de corrupção, que não são verdadeiras, que nunca foram provadas. Mesmo agora no ressurgimento, os filmes que são destaque são ousados, cada um a sua maneira. *Terra Estrangeira* é ousado na temática, na trama. *Carlota Joaquina* é ousado porque baseado na tradição oral da comédia. Mesmo *O Quatrilho* é ousado em sua ambientação num espaço muito próprio, muito único.

O filme já tem planos de distribuição?

- A distribuição ainda está no plano esotérico. A produção do cinema brasileiro está retomando o ritmo normal, mas corre o risco de morrer na praia se não houver uma política cultural de investimento oficial para a distribuição no mercado nacional e internacional. A coisa está séria. Os exibidores têm interesses outros que as salas de exibição e tiram de cartaz filmes com grande potencial de público antes da hora. Também perdemos espaço lá fora. Excetuando-se o *O Quatrilho*, o espaço que temos tido lá fora é de segunda categoria. Antes, qualquer festival de Cannes tinha um filme brasileiro. Agora não, porque

falta uma política cultural. Ainda não sei o que deve ser feito, mas é urgente que se faça alguma coisa.

“A falta de ousadia é anterior à crise. A crise dos anos Collor só veio em razão da falta de ousadia do cinema brasileiro. Poucos ousaram na produção da década de 80”